



miguilim

VOLUME 13, NÚMERO 1 | JAN-ABR 2024

A CONSTRUÇÃO TEXTUAL DE SENTIDO NA SEÇÃO “UM GRITO DE PROTESTO” DE *OS SERTÕES*



TEXTUAL CONSTRUCTION OF MEANING IN THE SECTION "A CRY OF PROTEST" FROM *OS SERTÕES*

Allan Marx de Moraes PEREIRA
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Débora Reis TAVARES
Universidade de São Paulo, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA
RECEBIDO EM 16/09/2023 • APROVADO EM 19/04/2024
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v13i1.1114>

Resumo

Neste artigo, investigamos a construção textual de sentido em uma seção de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, qual seja, “Um grito de protesto”, reflexão crítica sobre o massacre dos habitantes do Arraial de Canudos, realizado pelo exército brasileiro entre 1886 e 1887, durante a Guerra de Canudos, por ordem do governo de Prudente de Moraes. Com base em estudiosos da Linguística Textual, principalmente Irandé Antunes (2005), Ingedore Villaça Koch (2018, 2021) e Michel Charolles (1997), examinamos, na passagem mencionada, os dois princípios de textualidade centrados no texto, a coesão e a coerência, e abordamos brevemente os outros cinco princípios, centrados no usuário, a saber, situacionalidade, informatividade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade. Concluímos, por

meio da análise feita, que esses fatores contribuem conjuntamente para a construção do sentido do texto, o que explica o forte impacto dessa passagem de *Os Sertões* no leitor.

Abstract

In this article, we investigate the textual construction of meaning in a section of "Os Sertões" by Euclides da Cunha, specifically "Um grito de protesto," a critical reflection on the massacre of the inhabitants of the Arraial de Canudos by the Brazilian army between 1886 and 1887, during the War of Canudos, by order of the government of Prudente de Morais. Drawing on scholars in Textual Linguistics, particularly Irandé Antunes (2005), Ingedore Villaça Koch (2018, 2021), and Michel Charolles (1997), we examine, in the passage, the two principles of text-centered textuality, cohesion and coherence, and briefly address the other five user-centered principles, namely, situationality, informativeness, intertextuality, intentionality, and acceptability. We conclude, through our analysis, that these factors together contribute to the construction of the text's meaning, which explains the strong impact of this passage from "Os Sertões" on the reader.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Os Sertões. Euclides da Cunha. Linguística Textual. Coesão. Coerência.

Keywords: Os Sertões. Euclides da Cunha. Text Linguistics. Cohesion. Coherence.

Texto integral

Introdução

Mais de um século depois da publicação de *Os Sertões*, por Euclides da Cunha, esse verdadeiro clássico das ciências sociais e da literatura brasileiras continua a provocar profundo efeito no leitor. A obra é dividida em três partes: na primeira, intitulada "A Terra", são examinadas as condições geográficas da região de Canudos, a saber, geologia, relevo, clima, solo, flora, fauna e, principalmente, as causas do regime de secas; na segunda, "O Homem", são desenvolvidos um estudo sobre a formação e a gênese do sertanejo e uma análise da trajetória do líder carismático Antônio Conselheiro; na terceira, "A Luta", narra-se o conflito entre as tropas do governo e os sertanejos, cujo desfecho foi a destruição do Arraial de Canudos.

Para justificar a intervenção, o governo de Prudente de Morais e a imprensa propagaram que os canudenses empenhavam esforços em uma conspiração monárquica para derrubar a República. Roberto Ventura (2019a, p. 35) afirma, entretanto, que outros motivos, ao invés do antirrepublicanismo de Antônio Conselheiro, foram preponderantes para aniquilação do arraial. Na verdade, um complexo arranjo político engendrou a Guerra de Canudos. Diversos fatores são apontados, alguns dos quais regionais: conflitos entre facções partidárias na Bahia, a atuação da igreja contra beatos e pregadores, pressões de proprietários de terra temendo a escassez de mão de obra na região. Em nível nacional, sobressai o embate entre civilistas e militaristas pela sucessão de Prudente de Morais. Acrescenta Ventura (2019a, p. 35) que o conflito no sertão baiano serviu de pretexto para a repressão a grupos monarquistas – que desejavam restaurar o

Império – e para o esmagamento dos setores jacobinos e florianistas – que buscavam devolver o poder aos militares –, afora a colaboração para a implantação da política dos governadores.

Euclides da Cunha, que, antes da guerra, mostrava-se um fervoroso e exaltado apoiador da ação do exército, foi enviado ao campo de batalha em 1897 como correspondente do jornal *O Estado de São Paulo*, mas, abalado e desiludido, regressou disposto a acertar as contas com o passado e denunciar uma campanha que “foi, na significação integral da palavra, um crime” (Cunha, 2018, p. 67).

Um dos fragmentos célebres de sua denúncia, concretizada com a publicação de *Os Sertões*, em 1902, é a seção “Um grito de protesto”, reflexão crítica sobre o massacre de Canudos que aparece na última parte do livro. No presente artigo, investigamos a construção textual de sentido nesse excerto com o objetivo de compreender os principais motivos que concorrem para que a passagem cause forte impacto no leitor. Nossa hipótese é a de que fatores de textualidade, em particular a coesão, a coerência, a situacionalidade, a informatividade, a intertextualidade, a intencionalidade e a aceitabilidade contribuem conjuntamente para a construção do sentido do texto.

Para examinar o problema proposto, utilizamos como fundamentação teórica a Linguística Textual, ramo da Linguística que, segundo Antônio Marcuschi (2012, p. 33), estuda “as operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais”. Ingedore Villaça Koch (2018, p. 11) acrescenta que o objeto de investigação desse campo não é a palavra ou a frase isolada, mas o texto, tido como unidade básica de manifestação da linguagem, que se difere da frase em termos quantitativos e qualitativos.

Koch (2021, p. 19-44) distingue três fases no desenvolvimento da Linguística Textual. Na primeira, que foi da década de 1960 até a de 1970, as preocupações preponderantes foram o estudo dos mecanismos interfrásticos e a elaboração de gramáticas textuais. Na segunda, que foi da década de 1970 até a de 1980, os linguistas de texto buscaram superar a abordagem sintático-semântica e adotaram uma perspectiva pragmática. Na terceira, que se iniciou na década de 1980, delineou-se uma orientação cognitivista nos estudos do texto.

Em nosso estudo, valemo-nos de contribuições de diversas fases da Linguística Textual, principalmente os trabalhos de Irandé Antunes, Ingedore Villaça Koch e Michel Charolles, a fim de analisar a construção textual de sentido em uma passagem de *Os Sertões*.

Fatores de textualidade em “Um grito de protesto”

Nosso exame parte da premissa analítica de um momento específico da obra: “Um grito de protesto”, breve seção localizada na terceira parte de *Os Sertões*. Trata-se de uma reflexão crítica sobre as atrocidades cometidas pelo exército – e, na perspectiva do narrador, perpetradas pela sociedade urbana do litoral – contra uma multidão de sertanejos pobres:

UM GRITO DE PROTESTO

Ademais, não havia temer-se o juízo tremendo do futuro.

A História não iria até ali.

Afeiçoara-se a ver a fisionomia temerosa dos povos na ruína majestosa das cidades vastas, na imponência soberana dos coliseus ciclóticos, nas gloriosas chacinas das batalhas clássicas e na selvaticidade épica das grandes invasões. Nada tinha que ver naquele matadouro.

O sertão é o homizio. Quem lhe rompe as trilhas, ao divisar à beira da estrada a cruz sobre a cova do assassinado, não indaga do crime. Tira o chapéu, e passa.

E lá não chegaria, certo, a correção dos poderes constituídos. O atentado era público. Conhecia-o, em Monte Santo, o principal representante do governo, e silenciara. Coonestara-o com a indiferença culposa. Desse modo a consciência da impunidade, do mesmo passo fortalecida pelo anonimato da culpa e pela cumplicidade tácita dos únicos que podiam reprimi-la, amalgamou-se a todos os rancores acumulados, e arrojou, armada até aos dentes, em cima da mísera sociedade sertaneja, a multidão criminosa e paga para matar.

Canudos tinha muito apropriadamente, em roda, uma cercadura de montanhas. Era um parêntesis; era um hiato. Era um vácuo. Não existia. Transposto aquele cordão de serras, ninguém mais pecava.

Realizava-se um recuo prodigioso no tempo; um resvalar estonteador por alguns séculos abaixo.

Descidas as vertentes, em que se entalava aquela furna enorme, podia representar-se lá dentro, obscuramente, um drama sanguinolento da idade das cavernas. O cenário era sugestivo. Os atores, de um e de outro lado, negros, caboclos, brancos e amarelos, traziam, intacta, nas faces, a caracterização indelével e multiforme das raças — e só podiam unificar-se sobre a base comum dos instintos inferiores e maus.

A animalidade primitiva, lentamente expungida pela civilização, ressurgiu, inteiriça. Desferrava-se afinal. Encontrou nas mãos, ao invés do machado de diorito e do arpão de osso, a espada e a carabina. Mas a faca relembra-lhe melhor o antigo punhal de sílex lascado. Vibrou-a. Nada tinha a temer. Nem mesmo o juízo remoto do futuro.

Mas que entre os deslumbramentos do futuro caia, implacável e revolta; sem altitude, porque a deprime o assunto; brutalmente violenta, porque é um grito de protesto; sombria, porque reflete uma nódoa — esta página sem brilhos...

(Cunha, 2018, p. 734-736)

A fim de traçar alguns comentários analíticos, recorreremos à obra *Introduction to Text Linguistics* (1981), em que Beaugrande e Dressler apresentam sete fatores de textualidade ou princípios de construção textual do sentido, isto é, “características que fazem com que um texto seja um texto, e não apenas uma sequência de frases ou palavras” (Val, 2004, p. 114). Dois deles, coesão e coerência, são centrados no texto, enquanto outros cinco, situacionalidade, informatividade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade, são centrados no usuário. Koch (2021, p. 52) pondera que essa divisão entre fatores centrados no texto e no

usuário é atualmente alvo de críticas, especialmente de uma perspectiva pragmático-cognitiva, o que não impede, contudo, que a teoria de Beaugrande e Dressler seja útil para nossa análise.

1. Coesão

Em relação à coesão, o primeiro dos sete critérios postulados, Koch (2021, p. 45) esclarece que ela pode ser compreendida como a “forma como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se interligam, se interconectam, por meio de recursos também linguísticos, de modo a formar um ‘tecido’ (tessitura), uma unidade de nível superior à frase, que dela difere qualitativamente”. A coesão textual refere-se, portanto, à maneira como os elementos da superfície textual, isto é, palavras e frases que compõem um texto, conectam-se e ligam-se por meio de dependências de ordem gramatical.

No estudo pioneiro *Cohesion in English* (1976), de Halliday e Hasan, cinco mecanismos de coesão foram identificados: referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical. Essa classificação, que se tornou clássica, serviu de base para a maioria dos estudos subsequentes sobre coesão. No Brasil, Koch (2018), uma das mais prolíficas estudiosas da questão, agrupou os mecanismos coesivos em dois grupos: coesão referencial, concernente a remissões a elementos anteriores, e coesão sequencial, relacionada à continuidade do texto. Savioli e Fiorin (2006, p. 370) também apontam dois mecanismos principais: a retomada de termos, expressões ou frases já ditos ou sua antecipação; e o encadeamento de segmentos do texto. Apesar da relevância desses autores, preferimos, em nosso estudo, seguir a classificação de Irlandé Antunes (2005, p. 51), devido à sua amplitude e ao seu didatismo:

	Relações Textuais (Campo 1)	Procedimentos (Campo 2)	Recursos (Campo 3)		
A COESÃO DO TEXTO	1. REITERAÇÃO	1.1 Repetição	1.1.1 Paráfrase		
			1.1.2 Paralelismo		
			1.1.3 Repetição propriamente dita	- de unidades do léxico - de unidades da gramática	
		1.2 Substituição	1.2.1 Substituição gramatical	retomada por: - pronomes - advérbios	
			1.2.2 Substituição lexical	retomada por: - sinônimos - hiperônimos - caracterizadores situacionais	

			1.2.3 Elipse	retomada - elipse
	2. ASSOCIAÇÃO	2.1 Seleção lexical	Seleção de palavras semanticamente próximas	- por antônimos - por diferentes modos de relações de parte/todo
	3. CONEXÃO	3.1 Estabelecimento de relações sintático-semânticas entre termos, orações, períodos, parágrafos e blocos supraparagráficos.	Uso de diferentes conectores	- preposições - conjunções - advérbios - e respectivas locuções

Figura 1 – Coesão do texto: relações, procedimentos e recursos.

Fonte: Antunes (2005, p. 51)

Antunes (2005, p. 50) esclarece que a continuidade de um texto – instaurada pela coesão – é fundamentalmente semântica, geralmente expressa por relações de reiteração, associação e conexão, que “acontecem graças a vários procedimentos que, por sua vez, se desdobram em diferentes recursos”. Para fins de nossa análise, começaremos pelo segundo e mais amplo tipo de relação textual apontada no Quadro 1, a associação, para em seguida passarmos para os demais.

1.1 Associação

De acordo com Antunes (2005, p. 55), a associação “ocorre pela continuidade semântica entre as palavras”, designada comumente como coesão lexical, e lança mão do procedimento de seleção lexical. O texto da seção “Um grito de protesto” é semanticamente organizado em torno de três campos associativos principais: crime, ignoto e história.

Na seleção lexical de termos e expressões relacionados a crime, o autor serviu-se de: “chacinas”, “matadouro”, “homizio”, “cruz”, “cova”, “assassinado”, “crime”, “atentado”, “impunidade”, “culpa”, “armada até aos dentes”, “multidão criminosa”, “matar”, “pecava”, “sanguinolento”, “instintos inferiores e maus”, “machado de diorito”, “arpão de osso”, “espada”, “carabina”, “faca”, “punhal de sílex lascado” e “brutalmente violenta”. No campo concernente ao ignoto – vocábulo de grande relevância em *Os Sertões* – empregou-se: “homizio”, “cercadura de montanhas”, “parêntesis”, “hiato”, “vácuo”, “não existia”, “cordão de serras”, “descidas as vertentes”, “entalava”, “furna”, “obscuramente” e “sombria”. Finalmente, no campo alusivo à história, foram empregados: “juízo tremendo do futuro”, “história”, “ruinaria majestosa”, “coliseus ciclópicos”, “batalhas clássicas”, “grandes invasões”, “recuo prodigioso no tempo”, “alguns séculos abaixo”, “idade

das cavernas”, “primitiva”, “civilização”, “relembra”, “antigo”, “juízo remoto do futuro”, “assunto”, “protesto” e “página sem brilhos”.

Constatamos, portanto, que autor sobrecarregou a breve seção com uma profusão de palavras e expressões semanticamente associadas, construindo, assim, um texto repleto de sentidos, possibilidades poéticas e, conseqüentemente, pujante. A construção de sentido baseia-se, em grande medida, no complexo jogo de tensões entre esses três campos associativos principais.

Em razão da incisividade dos termos do primeiro campo, ligado à criminalidade, não parece árduo, em princípio, discernir a perspectiva do narrador – entidade que em diversos momentos de *Os Sertões* confunde-se com o próprio autor – a respeito da Guerra de Canudos: uma atroz e criminosa chacina de pobres sertanejos. No entanto, embora o Estado – servindo-se do Exército e dirigido pela elite da sociedade presunçosamente civilizada das regiões litorâneas – tenha levado a cabo um desmesurado morticínio, tal barbárie seria ocultada, o que nos leva ao campo associativo seguinte.

Membros dos poderes constituídos que tinham conhecimento da transgressão escolheram o caminho do silêncio, da indiferença e da cumplicidade. Desse modo, o crime encoberto pelas serras que envolviam o arraial restava obscuro, invisível, convenientemente ignoto, como se jamais houvesse existido. No meio dessa tensão entre os dois campos, uma palavra – presente simultaneamente em ambos – sobressai-se em virtude de sua ambigüidade: homizão, que designa, por um lado, homicídio ou crime cuja pena era a morte ou o desterro, e por outro, esconderijo ou ato de esconder alguém ou algo da ação da justiça.

O último campo, que estabelece uma tensão com os demais, refere-se à história. O autor critica veementemente a história escrita pelos vencedores, que, oportunisticamente, não iria até o sertão: contentar-se-ia em propagar a narrativa oficial, patrocinada pelo governo nos jornais da época. Não haveria, à vista disso, motivo para que os perpetradores temessem o remoto juízo do futuro. Contudo, rebela-se o autor contra essa perspectiva e empenha-se em iluminar a obscurecida história dos vencidos. O grito de protesto de Euclides é, dessarte, uma tentativa de buscar justiça – e alguma redenção – por meio da história. Trata-se de uma perspectiva que mantém pontos em comum com a concepção de Walter Benjamin sobre a história, que em sua tese II “concebe a redenção sobretudo enquanto rememoração histórica das vítimas do passado” (Löwy, 2005, p. 49), inspirada provavelmente em Max Horkheimer: “[...] a historiografia (*Historie*) é o único tribunal de justiça (*Gehör*) que a humanidade atual, ela própria passageira, pode oferecer aos protestos (*Anklagen*) que vêm do passado” (Horkheimer apud Löwy, 2005, p. 49-50).

Por meio da seleção lexical, o autor também concebe a história como um drama trágico. Em “Um grito de protesto”, as palavras “representar-se”, “drama”, “cenário” e “atores”, empregadas no mesmo parágrafo, integram o campo lexical do teatro. A esse respeito, Ventura reflete que:

[O autor] Recriou, em *Os sertões*, a Guerra de Canudos como tragédia, em que o não herói, o sertanejo, se transforma em herói em uma transfiguração quase milagrosa de apoteose. As imagens teatrais convertem as batalhas em espetáculo, em que o narrador retoma o papel do coro da tragédia clássica, comentando os

1.2 Reiteração

Analisaremos, agora, outro tipo de relação textual, a reiteração, “que ocorre pelas retomadas de segmentos prévios do texto ou pelas antecipações de segmentos seguintes” (Antunes, 2005, p. 51), devido a procedimentos de repetição, que compreende como recursos a paráfrase, o paralelismo e a repetição propriamente dita de uma palavra ou expressão; e de substituição, que inclui as substituições gramatical e lexical e a elipse.

Na seção em exame, podemos identificar o uso da paráfrase, que consiste em “voltar a dizer o que já foi dito antes [...] por meio de uma nova formulação” (Antunes, 2005, p. 62-3), no trecho: “Realizava-se um recuo prodigioso no tempo; um resvalar estonteador por alguns séculos abaixo” (Cunha, 2018, p. 735). Diferentemente do discurso científico, que geralmente serve-se da paráfrase para fins didáticos, em nosso exemplo a paráfrase foi empregada a fim de oferecer um enfoque literário para o sentido da sentença anterior. Na segunda sentença, notamos uma expressão metafórica do sentido da primeira, isto é, uma comparação implícita entre o regresso no tempo e uma escorregadela ou queda em direção descendente.

O paralelismo, recurso relacionado à “coordenação de segmentos que apresentam valores sintáticos idênticos” (Antunes, 2005, p. 63-4), também é encontrado no trecho estudado: “Mas que entre os deslumbramentos do futuro caia, implacável e revolta; sem altitude, porque a deprime o assunto; brutalmente violenta, porque é um grito de protesto; sombria, porque reflete uma nódoa — esta página sem brilhos...” (Cunha, 2018, p. 736). Percebemos, assim, uma sucessão de orações introduzidas pela conjunção “porque”, organização que favorece o encadeamento das subpartes do texto, enfatiza os motivos do evento ser uma página vergonhosa de nossa história e, do ponto de vista estilístico, reveste o enunciado de harmonia.

O texto recorre, ainda, à repetição propriamente dita, que “corresponde à ação de voltar ao que foi dito antes pelo recurso de fazer reaparecer uma unidade [palavra, sequência de palavras ou frase] que já ocorreu previamente” (Antunes, 2005, p. 70): enquanto o sintagma nominal “o juízo tremendo do futuro” aparece no primeiro parágrafo da seção, outro, qual seja, “o juízo remoto do futuro”, que conserva três vocábulos do primeiro, encontra-se no final do penúltimo parágrafo. A repetição de “o juízo [...] do futuro” tem a função assinalar a continuidade do tema em foco, a saber, o julgamento do massacre de Canudos pela posteridade, pela memória dos homens, pela história, além de enfatizá-lo. Não se trata, contudo, de uma simples repetição: houve a substituição do adjetivo “tremendo” por “remoto”, o que evidencia uma tensão entre o julgamento amedrontador, formidável, aterrador do porvir e o desdém dos perpetradores pela reprovação moral em um futuro longínquo.

O segundo procedimento de reiteração, essencial no excerto em análise, é a substituição de “uma palavra por um pronome, por um advérbio, ou por uma outra palavra que lhe seja semântica ou textualmente equivalente” (Antunes, 2005, p.

86). Esse recurso coesivo se subdivide em substituição gramatical, substituição lexical e elipse.

A substituição gramatical, isto é, por pronomes – pessoais, possessivos ou demonstrativos – e advérbios, chamada de referência por Koch (2018, p. 19), que acrescenta que os elementos de referência são “itens da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas remetem a outros itens do discurso necessários à sua interpretação”, pode ser verificada, por exemplo, nos seguintes enunciados: “A História não iria até ali” (Cunha, 2018, p. 734) e “O sertão é o homizio. Quem lhe rompe as trilhas [...]” (Cunha, 2018, p. 735). A referência pode ser situacional (exofórica, ou seja, o referente se encontra fora do texto) e textual (endofórica, isto é, o referente se encontra expresso no próprio texto) e, esta, por sua vez, pode ser anafórica, quando o referente antecede o item coesivo, e catafórica, quando o referente sucede ao item coesivo. No primeiro enunciado, o advérbio “ali” remete-se a um referente que está na seção anterior; trata-se, portanto, se formos considerar estritamente a seção “Um grito de protesto”, de uma referência exofórica. No segundo enunciado, percebemos uma referência endofórica, pois o pronome pessoal “lhe” retoma o substantivo “sertão”, presente no texto; trata-se, ainda, de uma referência anafórica, já que o referente antecede ao item coesivo, e pessoal, pois foi realizada por meio de um pronome pessoal. Como observamos no exemplo, os pronomes operam “como elementos de substituição, como elementos que asseguram a cadeia referencial do texto. Funcionam, assim, como nós de ligação entre seus diferentes segmentos, possibilitando a reiteração, a continuidade que o texto exige para ser coerente” (Antunes, 2005, p. 87).

A substituição lexical, por seu turno, consiste em uma retomada de uma unidade lexical por outra “que lhe seja textualmente equivalente” (Antunes, 2005, p. 9), isto é, por meio de sinônimos, hiperônimos e caracterizados situacionais. Esse recurso foi empregado, por exemplo, na retomada de “matadouro” por “atentado” (Cunha, 2018, p. 734-5) e na retomada de “juízo tremendo do futuro” por “História” e “juízo remoto do futuro” (Cunha, 2018, p. 734-6). Como podemos perceber, a substituição lexical não é um recurso que simplesmente retoma referentes previamente introduzidos: ela acrescenta novas nuances, perspectivas e interpretações a um tópico.

O último recurso de substituição é a elipse, considerada uma “substituição por zero” e definida “como resultado da omissão ou do ocultamento de um termo que pode ser facilmente identificado pelo contexto” (Antunes, 2005, p. 117-8). No enunciado “Canudos tinha muito apropriadamente, em roda, uma cercadura de montanhas. Ø Era um parêntesis; Ø era um hiato. Ø Era um vácuo. Ø Não existia.” (Cunha, 2018, p. 735), verifica-se uma sequência de elipses acompanhada de um paralelismo. O recurso empregado pelo autor proporciona continuidade ao texto por meio da reiteração de um tema, sem, contudo, sobrecarregá-lo com repetições não funcionais ou estilisticamente indesejadas. Ademais, a elipse oferece ao texto extraordinária expressividade: omite o sujeito em quatro orações sucessivas e, concorrentemente, mantém o foco nesse termo, o substantivo próprio Canudos.

1.3 Conexão

Depois de termos explorado as relações textuais de reiteração e associação, versaremos a conexão, que “ocorre pela ligação sintático-semântica entre termos, orações, períodos e parágrafos” (Antunes, 2005, p. 55). Esse recurso coesivo opera-se por meio de conectores, como conjunções, preposições, locuções conjuntivas e preposicionais, advérbios e locuções adverbiais, que desempenham “a função de promover a sequencialização de diferentes porções do texto” (Antunes, 2005, p. 140). Os conectores também servem para “indicar a orientação discursivo-argumentativa que o autor pretende emprestar a seu texto” (Antunes, 2005, p. 144).

Diversas relações semânticas podem ser sinalizadas pela conexão. A título de exemplo, observemos os períodos: “Tira o chapéu, e passa” (Cunha, 2018, p. 735); e “Encontrou nas mãos, ao invés do machado de diorito e do arpão de osso, a espada e a carabina. Mas a faca lembrava-lhe melhor o antigo punhal de sílex lascado” (Cunha, 2018, p. 735-6). A conjunção coordenativa aditiva “e”, no primeiro período, e a conjunção coordenativa adversativa “Mas”, no último, promovem a sequencialização entre partes do texto e, além disso, exprimem respectivamente a sucessão temporal de uma ação em relação a outra e a oposição ou restrição ao que já foi dito.

2. Coerência

Uma vez analisada a coesão textual na seção “Um grito de protesto”, abordaremos o segundo princípio de intertextualidade centrado no texto, a coerência. Koch e Travaglia (2018, p. 21) entendem-na como “um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto”. Ela é, em primeira mão, linguística, mas também “contextual, extralinguística, pragmática, enfim, no sentido de que depende também de outros fatores que não aqueles puramente internos à língua” (Antunes, 2005, p. 176).

Um estudo clássico a respeito do tema foi feito por Michel Charolles (1997, p. 39-90), que identificou quatro metarregras de coerência textual: repetição, progressão, não-contradição e relação. De acordo com o pesquisador, para que um texto seja coerente é preciso que: “contenha, no seu desenvolvimento linear, elementos de recorrência estrita”; “haja no seu desenvolvimento uma contribuição semântica constantemente renovada”; “no seu desenvolvimento não se introduza nenhum elemento semântico que contradiga um conteúdo posto ou pressuposto por uma ocorrência anterior, ou deduzível desta por inferência”; “os fatos que se denotam no mundo representado estejam relacionados” (Charolles, 1997, p. 49, 58, 61, 74).

Embora tenha sido originalmente formulada para uma finalidade que não se identifica propriamente com a nossa, a teoria de Charolles serve para mostrar, de maneira didática, que a seção “Um grito de protesto” pode ser considerada um texto coerente, por diversos motivos: a presença de relações de retomada; o desenvolvimento sequenciado, homogêneo e contínuo; o equilíbrio entre continuidade temática e progressão semântica; a compatibilidade entre suas proposições, congruência ou associação entre os fatos expressos; a possibilidade de atribuição de um sentido unitário; entre outros.

Podemos perceber, no esquema de Charolles, a existência de aspectos que dizem respeito à reiteração e à progressão semântica, mecanismos que, como visto, são normalmente vinculados à coesão. Em razão do grau de interdependência entre a coerência e a coesão, traçar os limites exatos que as separam é uma tarefa vista quase como impossível pelos estudiosos: “A coesão é uma decorrência da própria continuidade exigida pelo texto, a qual, por sua vez, é exigência da unidade que dá coerência ao texto. Existe, assim, uma cadeia facilmente reconhecível entre continuidade, unidade e coerência” (Antunes, 2005, p 177).

3. Princípios de textualidade centrados no usuário

Diferentemente da coesão e da coerência, os outros cinco princípios de textualidade, a saber: situacionalidade, informatividade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade, que doravante trataremos de modo breve, são centrados no usuário.

De acordo com Koch (2021, p. 49-50) a situacionalidade pode ser examinada em duas direções, da situação para o texto e vice-versa. No primeiro caso, trata-se de determinar “em que medida a situação comunicativa, tanto o contexto imediato de situação como o entorno sócio-político-cultural em que a interação está inserida, interfere na produção/recepção do texto” (Koch, 2021, p. 49). Em certas expressões e sentenças do excerto em estudo, como “caracterização indelével e multiforme das raças”, “instintos inferiores e maus” e “A animalidade primitiva, lentamente expungida pela civilização [...]”, é possível identificar influxos da ciência do século XIX, especialmente o positivismo, o evolucionismo e o darwinismo social. Ademais, outros dados situacionais, exemplificativamente, lugar, momento e objeto da comunicação, influíram decisivamente na produção da obra, pois se trata, afinal, de um texto que versa diretamente sobre um evento histórico, a Guerra de Canudos, conflito que, no final do século XIX, opôs duas sociedades: de um lado, os centros urbanos das regiões litorâneas; do outro, a esquecida sociedade sertaneja dos rincões do nordeste. O segundo caso de situacionalidade, em direção contrária ao primeiro, refere-se aos reflexos do texto sobre a situação comunicativa. Euclides recebeu imediata notoriedade com a publicação de *Os Sertões*, tanto que, em 1903, um ano após a sua publicação, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras. O prestígio alcançado pelo escritor contribuiu para que a obra se tornasse fundamental para quaisquer estudos históricos, sociológicos e antropológicos sobre o país. O célebre crítico literário Antonio Candido (2013), a título de exemplo, incluiu *Os Sertões* em uma lista de dez livros fundamentais para conhecer o Brasil.

O princípio seguinte, a informatividade, está associado, “por um lado, à distribuição da informação no texto, e, por outro, ao grau de previsibilidade/redundância com que a informação nele contida é veiculada” (Koch, 2021, p. 50). Koch e Travaglia (2018, p. 86) distinguem três graus de informatividade em um texto: baixo, se apresentar somente informação previsível ou redundante; maior, se apresentar, além da informação esperada ou previsível, informação não previsível; e máximo, se toda a informação do texto for imprevisível ou inesperada. O trecho objeto de nossa análise combina informações esperadas e inesperadas. Roberto Ventura (2019b, p. 182) esclarece que, à época

do conflito, alguns poucos jornalistas, entre os quais se sobressai Afonso Arinos, denunciaram com veemência a crueldade da campanha. Dessa forma, quando *Os Sertões* foi publicado, as atrocidades da guerra já eram sabidas. Entretanto, Euclides, graças à sua posição no panteão da literatura brasileira, contribuiu significativamente para que o episódio fosse conhecido de maneira mais ampla pela sociedade brasileira. Os acontecimentos receberam, ainda, um tratamento inovador do autor: em “Um grito de protesto”, são notáveis as reflexões do narrador sobre a invisibilidade dos sertanejos e sobre o desinteresse dos historiadores pela história dos marginalizados. Trata-se, portanto, de um texto com grau maior de informatividade.

A partir da análise da passagem selecionada, podemos perceber como a intertextualidade, outro princípio centrado no usuário, refere-se aos “diversos tipos de relação que um texto mantém com outros textos” (Koch, 2021, p. 51), o que pode ser observado na sentença: “Transposto aquele cordão de serras, ninguém mais pecava” (Cunha, 2018, p. 735), na qual identificamos uma intertextualidade implícita, ou seja, sem menção à fonte, em relação à obra *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*, do historiador holandês Caspar van Baerle, da qual provém o famoso aforismo “ultra aequinoctialem non peccari”, na tradução de Cláudio Brandão, “além da linha equinocial não se peca” (apud Cunha, 2018, p. 177). Koch (2021, p. 144) pondera que, na intertextualidade implícita, o produtor do texto espera que o leitor reconheça o intertexto, sob pena de a construção de sentido ficar prejudicada. Em *Os Sertões*, o autor introduz o intertexto de Barlaei, mas transforma-lhe sentido. Enquanto no original constatamos uma oposição etnocêntrica entre os costumes europeus e coloniais, em “Um grito de protesto”, ocorre um contraste entre as grandes metrópoles brasileiras e o sertão; ademais, não há uma crítica aos hábitos sertanejos, mas a denúncia de crimes perpetrados pelos donos do poder, estabelecidos principalmente nas grandes cidades da costa, contra a população miserável do sertão.

A intencionalidade, penúltimo princípio que trataremos, diz respeito “aos diversos modos como os sujeitos usam textos para perseguir e realizar suas intenções comunicativas, mobilizando, para tanto, os recursos adequados à concretização dos objetivos visados” (Koch, 2021, p. 51). Em *Os Sertões* – incluída a seção “Um grito de protesto” – são patentes as intenções denunciativas de Euclides. A revolta do escritor com o massacre em Canudos é expressa já na “Nota Preliminar”, que ressalta o caráter criminoso da campanha e o papel denunciativo da obra: “Aquela campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo” (Cunha, 2018, p. 67). Uma carta de abril de 1902 ao amigo Francisco de Escobar nos ajuda a compreender os intentos do escritor:

Seja como for, porém, alenta-me a antiga convicção de que o futuro o lerá. Nem outra coisa quero. Serei um vingador e terei desempenhado um grande papel na vida – o de advogado dos pobres sertanejos assassinados por uma sociedade pulha, covarde e sanguinária... Além disto terei o aplauso de uns vinte ou trinta amigos em cuja primeira linha estás. E isto me basta. (Galvão; Galotti, 1997, p. 133)

Euclides, que se coloca na posição de vingador e advogado dos sertanejos, tinha, portanto, como escopo, convencer o leitor. Walnice Nogueira Galvão (2009, p. 36), a propósito, considera que o narrador euclidiano “reveste a pessoa de um tribuno, discursando para persuadir”. É oportuno lembrar que a maquinação fantasiosa segundo a qual moradores do Arraial de Canudos pertenceriam a uma aliança monarquista para derrubar o novo regime foi criada e bradada exaustivamente por autoridades políticas e sancionada pela Igreja, convertendo os miseráveis do interior da Bahia em inimigos da República. Essa versão foi transmitida repetidamente pelos jornais da época, com a contribuição do próprio Euclides, que, após a campanha, passou por uma guinada de consciência. Na visão de Galvão, os objetivos denunciativos presentes em *Os Sertões* possuem relação direta com o remorso sentido pelo escritor: “É essa reviravolta de opinião que *Os sertões* expressará cinco anos mais tarde, quando de sua publicação, vindo a ser o maior *mea culpa* da literatura brasileira” (Galvão, 2016, p. 621, grifos da autora).

O último princípio de textualidade, a aceitabilidade, é considerado contraparte da intencionalidade, uma vez que se refere “à atitude dos interlocutores de aceitarem a manifestação linguística do parceiro como um texto coeso e coerente, que tenha para eles alguma relevância” (Koch, 2021, p. 51). A posição de Euclides da Cunha no monte Olimpo da literatura brasileira contribui formidavelmente para a aceitabilidade do texto em análise. Vários dos mais importantes intelectuais brasileiros expressaram sua admiração pelo autor de *Os Sertões*. Antonio Houaiss (2016, p. 669) se considerava “uma espécie de devoto de Euclides”. Para Antonio Candido (2016, p. 645), “muito mais que sociólogo, Euclides é quase um iluminado”. Gilberto Freyre (2016, p. 643) elogiou “o artista cheio de intuições geniais”, que:

[...] interpretou [os sertões] em palavras cheias de força para ferir os ouvidos e sacolejar a alma dos bacharéis pálidos do litoral com o som de uma voz moça e às vezes dura, clamando a favor do deserto incompreendido, dos sertões abandonados, dos sertanejos esquecidos. (Freyre, 2016, p. 643)

Além de clássico da literatura nacional, *Os Sertões* é uma obra fundamental para o pensamento social brasileiro, tendo em vista sua relevância para outras áreas, como antropologia, sociologia e história. Essa condição torna a aceitabilidade do texto “Um grito de protesto” acentuada. Porém, não se trata de uma aceitação acrítica das ideias do autor. A aceitabilidade, como princípio de textualidade, diz respeito à aceitação do texto como uma manifestação linguística coesa e coerente, que tenha alguma relevância.

Considerações finais

Neste artigo, investigamos a construção de sentido em uma das passagens mais célebres de *Os Sertões*, obra que, depois de um século de sua publicação, continua a provocar um pujante efeito no leitor. Por meio da aplicação das teorias desenvolvidas pelos autores mencionados ao longo do artigo, constatamos que a Linguística Textual pode contribuir sobremaneira para a compreensão das

operações linguísticas e cognitivas responsáveis pela produção, construção, funcionamento e recepção de um texto.

A textualização da seção “Um grito de protesto”, isto é, o processo que transforma o seu conjunto de palavras e frases em um texto potente, envolve uma intrincada e complexa cooperação de sete fatores: coesão, coerência, situacionalidade, informatividade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade.

Os dois primeiros relacionam-se com o material conceitual e linguístico do texto. A coesão textual desempenha um papel fundamental em sua estruturação, conectando seus elementos linguísticos e criando uma unidade superior à frase. Nessa direção, identificamos diferentes mecanismos de coesão, como a referência, a substituição, a elipse, a conjunção e a coesão lexical, responsáveis por estabelecer complexas relações entre as partes do texto e criar uma reflexão crítica sobre o massacre de Canudos e suas consequências. Em seguida, verificamos que a coerência do texto se baseia em relações de retomada, em um desenvolvimento sequenciado, homogêneo e contínuo, no equilíbrio entre continuidade temática e progressão semântica, na compatibilidade entre as proposições, e na possibilidade de atribuição de um sentido unitário.

Os outros fatores de textualidade estão associados a aspectos pragmáticos do processo sociocomunicativo. Ao estudarmos a situacionalidade, distinguimos em que medida a situação comunicativa, o contexto e o entorno sócio-político-cultural influíram na produção e na recepção do texto, além de discutir seus reflexos sobre a situação comunicativa. Em nossa ponderação sobre a informatividade, percebemos que se trata de um texto com alto grau de informatividade, uma vez que combina informações esperadas e inesperadas, com um tratamento inovador. Notamos, inclusive, que o excerto analisado mantém intertextualidade implícita com um famoso aforismo de Caspar van Baerle, transformando-lhe o sentido. Investigamos, também, como o escritor serviu-se do texto para perseguir e realizar suas intenções comunicativas, das quais se sobressai a denunciativa, mobilizando, para isso, os recursos adequados à realização dos objetivos visados. Por fim, discutimos a posição de *Os Sertões* como clássico do pensamento nacional, o que colabora decisivamente para a acentuada aceitabilidade – mesmo que de modo crítico – da passagem em análise.

Em suma, concluímos que os fatores de textualidade postulados pela Linguística Textual contribuem conjuntamente para a construção do sentido do texto. Essa abordagem nos proporcionou a oportunidade de compreender – e, possivelmente, desvendar – intenções recônditas, nuances sutis e mensagens agudas presentes em “Um grito de protesto”. Tal ramo da Linguística mostrou-se, portanto, de grande valia para uma investigação profunda e enriquecedora da linguagem e da comunicação humana.

Referências

ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BEAUGRANDE, Robert De; DRESSLER, Wolfgang U. *Introduction to Text Linguistics*. London: Longman, 1981.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2015.

CHAROLLES, Michel. Introdução aos problemas da coerência dos textos. In: GALVES, Charlotte; ORLANDI, Eni Puccinelli; OTONI, Paulo (Orgs.). *O texto: leitura e escrita*. Campinas: Pontes, 1997. p. 39-90.

CANDIDO, Antonio. Antonio Candido indica 10 livros para conhecer o Brasil. *Blog da Boitempo*, São Paulo, 17 de maio de 2013. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2013/05/17/antonio-candido-indica-10-livros-para-conhecer-o-brasil>. Acesso em: 27 maio 2023.

CANDIDO, Antonio. Euclides da Cunha sociólogo. In: CUNHA, Euclides da. *Os sertões*; edição crítica e organização: Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu Editora/ Edições Sesc São Paulo, 2016. p. 644-646.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*: (Campanha de Canudos); edição, prefácio, cronologia, notas e índices de Leopoldo M. Bernucci. 5 ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial; São Paulo: SESI-SP editora, 2018.

FREYRE, Gilberto. Euclides da Cunha. In: CUNHA, Euclides da. *Os sertões*; edição crítica e organização: Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu Editora/ Edições Sesc São Paulo, 2016. p. 640-643.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Euclidiana: ensaios sobre Euclides da Cunha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Polifonia e paixão. In: CUNHA, Euclides da. *Os sertões*; edição crítica e organização: Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu Editora/ Edições Sesc São Paulo, 2016. p. 616- 633.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo. *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

HALLIDAY, Michael A. K.; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. New York: Longman, 1976.

HOUAISS, Antônio. Depoimento. In: CUNHA, Euclides da. *Os sertões*; edição crítica e organização: Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu Editora/ Edições Sesc São Paulo, 2016. p. 668-670.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2018.

KOCH, Ingedore Villaça. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Contexto, 2021.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 2018.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARCHUSCHI, Luiz Antônio. *Linguística de texto: o que é e como se faz?* São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2006.

VAL, Maria da Graça Costa. Texto, textualidade e textualização. In: CECCANTINI, J.L. Tápias; PEREIRA, Rony F.; ZANCHETTA JR., Juvenal. *Pedagogia Cidadã: cadernos de formação: Língua Portuguesa*. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004. v. 1. p. 113-128.

VENTURA, Roberto. *A terra, o homem, a luta: um guia para a leitura de "Os sertões"*, de Euclides da Cunha. São Paulo: Três Estrelas, 2019a.

VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha: esboço biográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019b.

Para citar este artigo

PEREIRA, Allan Marx de Moraes; TAVARES, Débora Reis. A construção textual de sentido na seção "Um grito de protesto" de Os Sertões. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 13, n. 1, p. 252-267, jan.-abr. 2024.

Autoria

Allan Marx de Moraes Pereira é mestrando em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde pesquisa, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a tensão entre localismo e cosmopolitismo nas representações do jagunço em *Os Sertões* e em *Grande Sertão: Veredas*. E-mail: allanmarx87@gmail.com; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4389-4043>.

Débora Reis Tavares é mestre e doutora em literatura pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), onde pesquisou a obra de George Orwell e sua relação com a História. Atua como professora, oferecendo cursos sobre literatura, relações entre arte e sociedade, assim como metodologia de pesquisa. Autora de ensaios nessa área, entre eles o posfácio "A esperança vem do plural" da edição de 1984 publicado pela editora Antofágica. E-mail: debora.tavares@livreliteratura.com.br; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3081-7532>.